



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE-FACES

LARISSA COSTA GOMES DE LIMA

A PRÁTICA DA ORALIDADE NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

BRASÍLIA, 2013

LARISSA COSTA GOMES DE LIMA

**A AUTORIA DO ALUNO COMO PRÁTICA DA ORALIDADE NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e saúde-FACES, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ªa. MSc. Rosi Valéri
Corrêa Araújo

Brasília, 2013

LARISSA COSTA GOMES DE LIMA

**A AUTORIA DO ALUNO COMO PRÁTICA DA ORALIDADE NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e saúde-FACES, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ªa. MSc. Rosi Valéri
Corrêa Araújo

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^ªa. MSc Rosi Valéri Corrêa Araújo

Professor(a)

Professor (a)

Aos meus pais.

“Só erra quem produz. Mas, só produz quem não tem medo de errar”.

Bob Marley

AGRADECIMENTOS

Agradeço sobretudo a Deus por iluminar-me a este reconhecimento e a que tudo permitiu, pela força que me deu em todos os momentos difíceis.

Minha orientadora, Rosi Valéri por sua atenção e presteza que dedicou a este trabalho.

Aos meus pais que sempre me deram apoio e incentivo nesta longa caminhada e que com paciência não me deixaram desistir. Agradeço também aos meus amigos, sem os quais eu não seria igualmente feliz.

A todos dedico meu esforço e com todos, divido minha alegria por esta conquista. Chegar até este momento antes de tudo é o resultado de grande esforço e luta diários.

RESUMO

A presente pesquisa aborda o tratamento que a oralidade recebe nas aulas de português em uma escola particular do Distrito Federal. O projeto monográfico foi dividido em três capítulos e tem como objetivo promover a discussão em torno da oralidade e da escrita no contexto escolar. A realização da pesquisa se deu pelas observações feitas no período de estágio supervisionado no 9º ano do Ensino Fundamental. Os autores que conduziram o texto da fundamentação teórica são: Ingedore Villaça Koch (2012), Jânia Martins Ramos (1997), Ataliba Teixeira de Castilho(), Luiz Antônio Marcuschi(1997) e Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004/2008). A metodologia aplicada possui caráter qualitativo, baseada no modelo interpretativista. A coleta de dados foi realizada por meio de material cedido pela professora regente. Utilizou-se dois questionários estruturados, um realizado com a professora da instituição e outro com os alunos. Sobre a análise de dados foi realizada com a gramática utilizada pelos alunos e as avaliações aplicadas pela professora regente, o que nortearam a produção do capítulo, o que constatou a aplicação dos exercícios descontextualizados, sem a presença de textos com objetivos e finalidades na metodologia utilizada pela professora. Com o resultado alcançado pela pesquisa foi permitido concluir que as aulas de língua portuguesa ainda privilegiam a escrita e a variante culta, não garantindo o espaço necessário para que o aluno pratique a oralidade em sala de aula.

Palavras-chave: Oralidade. Escrita. Ensino.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I.....	11
1.1 DEFINIÇÃO DA ORALIDADE.....	
1.2 AS RELAÇÕES ENTRE ORALIDADE E ESCRITA	
1.3 A ORALIDADE EM SALA DE AULA.....	
CAPÍTULO II.....	
2.1 A PESQUISA QUALITATIVA ETNOGRÁFICA.....	
2.2 A PESQUISA DE CAMPO E OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	
2.3 A INSTITUIÇÃO PESQUISADA.....	
2.4 O PERFIL DOS COLABORADORES.....	
2.5 OS PROFESSORES.....	
2.6 OS ALUNOS.....	
2.7 COLETA DE DADOS.....	
2.8 DIÁRIO DE PESQUISA.....	
2.9 ENTREVISTA.....	
CAPÍTULO III.....	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
REFERÊNCIAS.....	
APÊNDICE A.....	

INTRODUÇÃO

O uso da oralidade inicia-se no espaço familiar, pois a criança antes de entrar para a escola já faz uso da língua portuguesa, o professor terá o papel de mostrar ao aluno os diversos contextos de uso da fala e não se utilizar de argumentos mecânicos nas aulas de Português.

De acordo com essa ideia, o aluno terá de ter contato diário com a oralidade, com atividades que proporcionem a reflexão, além disso, o professor deverá apresentar ao estudante as diferenças entre a linguagem culta e a coloquial, inserindo-o na realidade de cada contexto. Desta forma o ensino de língua portuguesa será inserido nas práticas pedagógicas que ajudam a persuadir o bom desenvolvimento do aluno.

Estudar português não significa fazer uso somente de regras e aplicá-las em frases descontextualizadas e sim, valorizar o conhecimento do aluno juntamente aos conhecimentos gramaticais.

O primeiro capítulo intitulado “A oralidade em sala de aula” aborda o conceito de oralidade, as diferenças entre oralidade e escrita e a oralidade em sala de aula. O segundo capítulo aborda a metodologia aplicada para a coleta de dados e o terceiro capítulo trata da análise dos materiais no contexto escolar.

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo do projeto monográfico consiste em analisar a relevância que a oralidade recebe nas aulas de Língua Portuguesa no 9º ano do ensino fundamental e a sua aplicação em avaliações e exercícios.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Relacionar fala e escrita
- Observar as variações linguísticas utilizadas pelos estudantes
- Verificar a aplicação das práticas sociais envolvendo a oralidade

Capítulo I

1.1 Oralidade

Para muitos autores, estudiosos e até mesmo professores, a oralidade assumiu um papel secundário em relação à escrita e por muito tempo foi tida como descontextualizada, fragmentada, simples entre outros adjetivos; além disso, como a fala é própria a todo ser humano, ela é considerada natural e é aprendida informalmente. Assim, Berruto (1985) considera a fala como objeto simplificado, no qual são ausentes os planejamentos e a percepção de dispositivos que possam contribuir com a articulação discursiva e sua decodificação por parte do ouvinte. Com os estudos mais avançados, sabe-se que a oralidade possui papel tão importante quanto a escrita, e é definida por Sarmiento (2005) como um conjunto de valores com formas contraídas, frases cortadas e expressões populares que se disseminam por regiões e grupos sociais.

1.2 Relações entre fala e escrita.

De acordo com Fávero (2002, p.21) “historicamente a escrita, principalmente a literária, sempre foi considerada a verdadeira forma de linguagem, enquanto a fala era instável, não podendo constituir objeto de estudo”. Esse fato se deve à compreensão de que o aluno já sabe falar, diferentemente do que acontece com o ato de escrever. Porém, Koch (2009) desconstrói essa afirmativa no momento em que aponta a existência de situações formais próprias da fala como em palestras, conferências, discursos públicos, assim como informais em textos escritos, espaço que há graus de informalidade em situações corriqueiras como na escrita de bilhetes, em cartas familiares, além de formais como textos acadêmicos. É o que a autora chama de grau de manifestação da coprodução discursiva. Essa circunstância permite pensar que para existir um ato de fala formal ou informal deve-se apropriar ao contexto em que o diálogo está inserido. Fávero (2002) ao tratar sobre a formalidade na oralidade e na escrita considera a existência de condições de produção que irão gerar aparatos necessários para que o evento comunicativo ocorra. Assim, ao iniciar a conversação é necessário analisar a situação do momento, o que favorece a interação. Além disso, as relações de poder não são descartadas, assim como as relações pessoais que, dependendo do

seu nível, abrange a fala e a escrita nos estilos formal ou informal. É através do propósito do evento que nasce o tópico discursivo.

Ao tomarmos como objeto de estudo a oralidade na sala de aula, devem-se introduzir alguns conceitos. Koch (2009), antes de tratar das questões da escrita e da fala, conceitua a palavra texto como um evento sociocomunicativo dentro de um processo interacional, e o que o distingue é a forma como tal coprodução se realiza, ou seja, é dentro de um contexto que o texto irá se comportar. Para a autora, ao mencionar fala e escrita, é necessário ter em mente que a noção de dicotomia¹, que propõe oposição entre a oralidade e a escrita, não atende a alguma posição preferencial, e que sim existem diferenças entre ambas, cada uma possuindo características próprias e atuando lado a lado.

É muito comum ouvir afirmações em torno do modo particular de uma pessoa, ou de certo grupo de determinada regional se expressar. A fala é característica de cada pessoa e revela traços de identidade, podendo revelar de onde o falante veio e qual é a sua cultura local sendo uma visão equivocada julgar como errada a maneira particular que o falante utiliza. A língua portuguesa não é estática e sim móvel, desta forma, cabe conhecer a noção de variações linguísticas dentro de um contexto específico, podendo uma pessoa usar diversos tipos de variantes em diversos contextos sociais.

Ramos (1997) define a norma culta como mais uma das variantes que compõe a língua em situações sociais em determinadas regiões e define que, ao longo da história, uma determinada variante é escolhida por fatores sociais, econômicos e culturais, desfrutando, assim, de maior prestígio dentro de uma comunidade. Mas o que é a norma culta? Como utilizá-la? De onde veio? A norma culta é um tipo de variante utilizada com caráter prestigioso. De tempos em tempos, uma parcela da sociedade se destaca dentre as demais por seu maior poder econômico, e isso leva sua variante linguística a se sobrepôr às demais e ser considerada o modelo de referência, no caso a variante culta ou a padrão é a que utiliza os recursos da gramática normativa. Segundo Ramos (1997, p. 04), a norma culta é “um uso linguístico, concreto, e correspondente ao dialeto social praticado pela classe de prestígio. Neste sentido, ela é também chamada de objetiva ou norma explícita”.

¹ De acordo com Marcuschi (1997), o conceito de dicotomia está relacionado a ideias opostas seguindo a linha restritiva. O autor critica essa visão por considerar a língua como um sistema de regras.

A autora pontua que a norma culta pode estar presente tanto nos textos escritos como nos falados, guiados por regras gramaticais. Ramos (1997, p.04) define que “ensinar a norma culta é levar o aluno a adotar como modelo o modo de falar e de escrever das pessoas cultas, guiados pela gramática normativa”. Ao se escrever textos na norma padrão, acham-se modelos de valores sociais de prestígio, de acordo com Ramos (1997, p.15).

encontra-se a linguagem padrão, como inversões sintáticas simples, presenças de conjunções nunca ou raramente usadas na fala, substituição da palavra que por o qual/ a qual e a presença de um vocabulário estranho e frases de efeito.

Ramos (1997) utiliza a ideia de monitoramento da fala, que se adapta de acordo com os termos: estilo coloquial e estilo cuidado. O primeiro é mais informal, e o segundo, mais formal. A distinção tem a ver com a forma de controlar a fala de acordo com o contexto social existente, ou seja, as diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa. As formas mais cuidadosas da fala apresentam formas mais elegantes e bonitas, e cabem no estilo cuidado, já nas situações corriqueiras, os interlocutores possuem mais intimidade, cabendo o estilo coloquial na fala quanto na escrita, dependendo do grau de intencionalidades. O grau de atenção também tem relação com a aplicação dos estilos. Quanto mais atento o falante, mais cuidadosa será a fala, quanto menos atento, mais coloquial será o estilo de se falar.

Estilos da fala

Estilo cuidado	Estilo coloquial
Como vai você	Cum' é que 'cê vai?
Como passado tem	cum' é que cê tá?
Pedro acabou de sair	Pedro acabo de saí
Há um abacateiro lá em casa	tem um abacateiro lá em casa
Nós estivemos lá ontem	A gente teve lá ontem

Tabela1-Estilo Coloquial x Estilo Cuidado, segundo Ramos (1997,p.7)

Bortoni-Ricardo (2004) define a oralidade como fator existente nos domínios sociais determinados como um espaço físico, em que cada pessoa irá possuir um papel social e

deverá exercer direitos e obrigações diante das normas estabelecidas pela sociedade. Esses papéis são construídos em um processo de integração da linguagem. A exemplo temos a escola, onde o professor necessita monitorar mais sua fala durante sua explanação nas aulas, assim como, em eventos como palestras, já em casa, esse mesmo professor assume o papel de homem, esposo ou pai e consequência disso, é que sua fala será menos monitorada.

A autora aponta que as variações existentes na língua portuguesa também são influenciadas por grupos etários, grupos de gêneros, *status* econômico, grau de escolarização, mercado de trabalho e redes sociais. A primeira diz respeito às pessoas mais velhas que possuem em sua fala características diferentes da fala de um jovem. Bortoni-Ricardo (2004, p.47) exemplifica: “Moça, qual é a sua graça?” Ao abordar essa passagem, a autora descreve a situação citada em sua obra, nesta em que um senhor se dirige a uma jovem e questiona o seu nome, o que causou estranheza na mulher, por causa do vocabulário desconhecido para ela. O segundo grupo analisa a mulher e o homem como falantes que utilizam marcas diferenciadas. Como a autora propõe, a mulher utiliza quase sempre mais diminutivos e o homem mais palavrões e gírias, apoiando-se no papel social que cada um exerce. O terceiro é fator relevante no uso das variantes partindo do princípio de que o Brasil não é um país hegemônico em nível social. O quarto é ligado ao *status* socioeconômico, o quinto faz uso de vários tipos de monitoramento, considerando o ambiente de um advogado, por exemplo, que necessita monitorar sua fala com muito mais cuidado, e outros ambientes como estúdios de tatuagens, onde há a presença de muitas variantes. A rede social atinge diversos domínios.

Bortoni-Ricardo(1985) estabeleceu a diferença correspondente aos fatores estruturais da fala, observando, as oposições entre o português falado nas regiões urbanas e o falado nas regiões rurais. A autora considera a diversidade de variantes como o que ela chama de Contínuo de Urbanização, que abrange das variantes rurais até a variante urbana culta. Propõe também que no continuum rural-urbano há presença de regras variáveis que são definidas como traço descontínuo da fala, pois eles se tornaram presentes na oralidade rural, mas foram sumindo da fala urbana. Já o traço gradual atinge todos os falantes de língua portuguesa. Bortoni-Ricardo(2004) sugere alguns exemplos como: ‘Inté’ e ‘dexei’. No primeiro exemplo, temos a forma arcaica de até, esse tipo de linguagem se tornou marca na fala rural e desapareceu na fala urbana. No caso de ‘dexei’, há uma redução no primeiro ditongo /ei/. A regra de redução de ditongos se emprega a um maior número de ambientes, tornando um traço

gradual dessa forma as variantes rurais são mais desprestigiadas, enquanto que a urbana tem caráter prestigioso.

Há também o Contínuo Oralidade-Letramento², que define a monitoração da fala de acordo com o ambiente de interação em que irá se desenvolver o tópico da conversa e, por último, o Contínuo de Monitoração Estilística, que se enquadra dos momentos espontâneos até os momentos planejados de fala, conforme mencionado anteriormente.

Na situação da linguagem oral, Castilho (1998) propõe a existência de dois tipos de diálogo, são eles: o diálogo assimétrico e o simétrico, em que o primeiro aborda a fala entre quem exerce a supremacia, o controle da fala sobre o receptor. Ocorre com frequência em circunstâncias de caráter institucional como nas repartições públicas, sindicatos, entrevistas etc. Já o diálogo simétrico permite aos falantes um acesso similar para a negociação do assunto, assim ambos podem dominar a situação.

O autor distingue a fala da escrita pelo fato de haver a presença dos usuários do diálogo e em oposição à ideia de Berruto (1985), que considera a fala como elemento simples e desconectada. Para Castilho (1998), a fala exige planejamento em sua fase pré-verbal, na qual é feita a seleção do que será dito na fase de execução da fala. É através do léxico e da gramática que se organizam as ideias consideradas apropriadas para aquele momento da fala.

Marcuschi (1997) propõe que escrita é adquirida por meios formais, o que dá condições para a formação do caráter prestigioso. Ela está presente em contextos sociais básicos, em paralelo com a oralidade, não havendo hierarquias.

As práticas de escrita interagem com outros meios comunicativos como o rádio, a televisão, cinema, peças de teatro entre outros assim, para o autor, essa interação influencia nos níveis, desde o mais informal até o mais formal, constituindo, assim, como a fala que dependendo do contexto em que é utilizada pode ter caráter mais ou menos prestigioso.

A primeira dicotomia propõe que fala e escrita se apresentam em lados opostos, frisando o código onde nasceu o positivismo que gerou a norma padrão. O autor pontua que a dicotomia organizou a maior parte das gramáticas disseminadas nas escolas caracterizada como sistema de regras.

² Segundo Kleiman(1995, p.18), letramento é um hábito discursivo de certo grupo social, associado à escrita, mas que não se envolve inevitavelmente com atividades de leitura e escrita.

Quanto à relação das dicotomias, Marcuschi(1997) fala e escrita conforme o quadro a seguir:

Relação da dicotomia	
Fala	Escrita
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não-planejada	Planejada
Imprecisa	Precisa
Não-normatizada	Normatizada

Tabela 2. Relações Dicotômicas

A segunda tendência é nomeada culturalista, a qual percebe a natureza das práticas da oralidade em relação à escrita, promove o que Marcuschi chama de fenomenologia da escrita e seus resultados na forma da organização e produção do conhecimento. De caráter epistemológico, produzido em especial por antropólogos, psicólogos e sociólogos para apontar as mudanças ocorridas nas sociedades que utilizam a escrita.

A tendência variacionista considera que não há separação dicotômica. De acordo com Marcuschi (1997,p.131), “as relações entre fala e escrita dizem respeito a questões de uso da língua”. Esse modelo aborda a escrita e a fala sobre os processos educacionais e possui asserções sobre o tratamento da variação na relação formal e informal no contexto escolar. O autor afirma que a língua portuguesa assim como as demais não é uniforme e nem homogênea de acordo com a questão do uso. Essa visão identifica a presença da variação tanto na fala quanto na escrita, o que desconsidera a ideia de a escrita ser a padrão da língua. De acordo com Marcuschi (1997), fala e escrita não são tratadas como dois dialetos e sim como duas modalidades de uso da língua.

A última tendência é chamada pelo autor de interacional, que constitui vários tipos de postulados entre a fala e a escrita. Suas ideias se caracterizam a seguir:

Relação dialógica no uso da língua, estratégias linguísticas, funções interacionais, envolvimento, situacionalidade e formalidade. Ao mesmo tempo em que essa tendência percebe a língua como fenômeno dinâmico, ela também possui pouca eficiência ao tratar de explicações e descrições dos fenômenos sintáticos e fonológicos da língua. Esse modelo é de grande importância, pois compromete a notar as diversidades das formas textuais realizadas em coautoria e formas textuais em autoria, que em determinado momento apontam sua preferência entre fala e escrita.

1.3 A oralidade em sala de aula

Ao pensarmos na questão da oralidade em sala de aula, antes de tudo é necessário que o professor a tenha como objeto de estudo e faça as devidas distinções entre fala e escrita, entre norma culta e a coloquial, e em quais contextos elas serão utilizadas, pois, como já vimos na questão das dicotomias, tanto a fala quanto a escrita possuem a mesma importância. O professor deve colocar o aluno em contato tanto com a oralidade, quanto com a escrita. De acordo com Ramos (1997) “o primeiro passo será fornecer aos alunos condições para que obtenham uma imagem adequada,” assim, o aluno terá condições de avaliar o que é o dialeto padrão e fará uso dele através de exemplos.

O professor poderá fazer atividades em sala que propiciem a discussão sobre a oralidade que sejam de interesse do aluno, procurando contextualizar as atividades desenvolvidas em aula em fazer uso de frases soltas, tornando o espaço da sala flexível, natural e espontâneo. De acordo com Ramos (1997) o aluno poderá recortar algum texto que o interesse e que possua traços da oralidade, ou trazer algum vídeo, entre outras mídias, podendo compará-lo com os outros textos. Para Fávero (1987), a escola deve mostrar ao aluno a grande variedade de usos da fala, dando-lhe consciência de que a língua não é homogênea. Cunha () ensina que nenhuma língua permanece uniforme em todo o seu domínio, ainda, num só local, apresenta números de diferenciações de maior e de menor amplitude.

É de grande importância que a escola saiba reconhecer que o erro não existe e sim mostrar ao aluno formas adequadas para se empregar a língua portuguesa em determinados contextos. Dessa forma, criam estímulos para o aluno se tornar mais participativo e para que ele tenha mais interesse nas aulas, pois ele irá se desenvolver em um ambiente que não

desvaloriza a sua linguagem coloquial. Assim como Bortoni-Ricardo (2004) enunciou, há três formas de socialização. A primeira é junto à família, a segunda é junto aos amigos e a terceira é na escola, lugar esse onde a criança irá permanecer por boa parte de seu tempo e onde irá vivenciar experiências de vida.

Dessa forma, é notável que a valorização do erro ainda exista, e que as aulas tradicionais, por muitas vezes, ganhem mais espaço e credibilidade por parte da sociedade, e dos próprios professores. Porém cabe ao educador se informar constantemente e ter consciência de que a língua está em movimento.

CAPÍTULO II

2.1 Metodologia de pesquisa

Segundo Bortoni-Ricardo (2008), o projeto de pesquisa que o professor irá realizar em sala de aula encaixa-se no espaço da pesquisa social, que possui dois tipos de seguimentos: a quantitativa, que é derivada de ideias positivistas de August Comte e a qualitativa, que deriva do interpretativismo.

A pesquisa qualitativa tem por objetivo revelar, desvendar o que a autora chama de caixa preta, ou seja, tudo que está por dentro do cotidiano do aluno, da sua vida em sala de aula, rotina essa que passa despercebida aos olhos do professor que está envolvido com o seu trabalho que, por muitas vezes, torna-se mecânico. É através da pesquisa qualitativa que encontramos o interpretativismo, ou seja, ela busca interpretar, perceber fenômenos sociais inseridos em um contexto. É com esse aparato que se aperfeiçoam teorias sobre a organização social e a percepção da vida em sala de aula. Ainda retomando Bortoni-Ricardo (2008, P 15), vale ressaltar que

ao se falar em pesquisa pedagógica, devemos traçar uma espécie de plano ou mesmo uma série de passos para que ela seja bem sucedida. O pesquisador de perfil qualitativo, em especial o etnográfico, busca pesquisar a sala de aula não somente com uma análise de dados, mas sim busca estar no interior das discussões, vivencia e compartilha experiências que foram construídas ao longo do tempo da pesquisa.

2.2 A pesquisa qualitativa etnográfica

Ao se falar em pesquisa qualitativa, destacamos o tipo de método conhecido como etnográfico, que consiste em ir além da análise de dados, ele busca a interação social, busca conhecer a fundo o contexto sócio-histórico em que a comunicação a ser analisada se processa, no caso desta pesquisa, as aulas de Língua Portuguesa. Sobre isso, Bortoni-Ricardo (2008, P 38) afirma que “... devemos entender que se trata de pesquisa qualitativa, interpretativista, que fez uso de métodos desenvolvidos na tradição etnográfica, como a observação, especialmente para a geração de dados”.

De acordo com Bortoni (2008), a pesquisa etnográfica colaborativa possui sua base na teoria social crítica, cujo objetivo é descrever as mudanças ocorridas no campo observado, dessa forma ela é considerada hermenêutica e colaborativa no sentido de ajuda mútua entre

professores pesquisadores e professores em formação. Esses irão trocar informações e desenvolvê-las em conjunto.

Em paralelo às ideias de Bortoni, Ludke e André (1986) consideram que a pesquisa etnográfica era utilizada por sociólogos e antropólogos, mas, em meados dos anos 70, algumas mudanças que ocorreram essa metodologia favoreceram seu uso também por pesquisadores da área de educação. Assim, o ensino passou a ser pensado, e o contexto cultural do aluno levado em consideração. O projeto de pesquisa visa ao embate a partir de dados selecionados com o conhecimento teórico do professor.

Segundo Bortoni-Ricardo(2008), acreditava-se que, para a realização da pesquisa, era necessário que o professor se colocasse do lado de fora do contexto da sala de aula para que, dessa forma, não houvesse fatores que o influenciassem, mas a pesquisa etnográfica veio justamente para justificar a presença do docente no ambiente social. A pesquisa qualitativa possui sua base no contato direto com a rotina escolar e os diferentes pontos de vista é que geram o dinamismo interno e externo à escola.

Conforme Bortoni-Ricardo(2008), o perfil do pesquisador qualitativo, em especial o etnográfico, é de um ser ativo em busca de construção e metamorfose do conhecimento. Ele terá a preocupação de interpretar o contexto social do aluno através das informações adquiridas ao longo do processo, além de refletir sobre: (a) observações da rotina da sala de aula, (b) pontos positivos de sua inserção no ambiente de pesquisa, e (c) pontos que necessitam de maior atenção, do pesquisador e do docente, para um melhor desenvolvimento. O professor pesquisador vai além de fazer uso do conhecimento alheio, ele também o produz. Para que essa tarefa seja realizada é de grande importância que ele esteja aberto a novas ideias.

O professor pesquisador costuma deparar-se com uma importante questão: como agregar as atividades de docência com o exercício da pesquisa? Bortoni-Ricardo (2008) responde a essa questão com a elaboração de um diário de pesquisa, que consiste na criação de anotações sobre suas inserções no ambiente de pesquisa e também de suas atividades. A forma em que o texto se apresenta geralmente é descritiva em narrativa sequencial. Os textos podem ser compostos de diálogos reproduzidos com o maior teor de fidelidade possível. O diário de pesquisa é uma ferramenta na qual o professor estará sempre retomando a memória e onde poderá formular sua nota teórica e metodologia a serem trabalhadas.

A pesquisa qualitativa, em especial a etnográfica, tem como base a rotina vivida no campo, no caso a sala de aula. Para a realização do projeto, o professor deve ter em mente o problema a ser investigado, e para essa finalidade ele irá usar perguntas, que ele irá julgar sua pertinência com base nas experiências vividas e não leituras realizadas especializadas no assunto em observação.

Ludke (1986) trata o problema da pesquisa como um estudo de caso que delimita o interesse do professor. Com o uso do método, o pesquisador pode deparar-se com descobertas que poderão ser acrescentadas ao longo do texto. O conhecimento, dessa forma, está em constante movimento.

O pesquisador precisará colher diversas informações, que futuramente irão se tornar dados a serem analisados. Esta análise deverá ser feita de maneira consciente pelo observador. Para que isso ocorra, ele deve começar pela negociação, com a escola, que permitirá a entrada do pesquisador no campo.

Assim, o professor pesquisador estará garantindo tratamento ético e sigiloso. Fica a critério da escola se deseja ter seu nome e os nomes dos membros envolvidos no projeto ou relatórios de qualquer natureza. Com os objetivos da pesquisa bem definidos, o pesquisador terá de reunir registros de diversas naturezas, o que irá permitir a triangulação dos dados.

Os dados, quando passados a limpo, permitem a reflexão de aspectos que não foram observados com a mesma importância durante o momento da inserção do pesquisador na sala de aula. Um recurso utilizado é a gravação de áudio/vídeo, maneira essa de revisitar as fontes documentais que, após passarem pela triagem do professor pesquisador, se transformará em dado. Outra maneira de coleta de dados é a entrevista, em que se encontram possíveis respostas para a problemática proposta, assim, o olhar do professor pesquisador traz em sua interpretação o seu capital cultural. Como afirma Bortoni-Ricardo (2008, p. 58), “o professor é parte do mundo que ele pesquisa”

A partir da visão interpretativista, o cientista social é integrante de uma sociedade e de uma cultura que o atinge. A maneira como ele enxerga o mundo, ou seja, uma análise de fatos culturais, não se apresenta de forma rígida, pois as crenças de visão do mundo também necessitam ser relevadas. Para Bortoni-Ricardo (2008, p. 59) “o professor pesquisador é parte do mundo social, sujeito reflexivo de suas ações e sobre as ações como objetos”. (2008.p 59) O pesquisador deve deixar clara sua meta de pesquisa no objetivo geral nos objetivos específicos, bem como apontar direções para chegar no problema da pesquisa.

2.3 Geração de dados

Bortoni-Ricardo (2008) pontua que após ter feito as negociações necessárias com os membros envolvidos na pesquisa, o professor pesquisador partirá para a geração e para a análise de dados, nas quais ele colocará sua visão no processo de interpretação do objeto estudado. A geração de dados é um instrumento utilizado pelo professor, que realizará um trabalho de campo. Esse instrumento pode ser observação direta, entrevistas, fotos, gravações de áudio e de vídeo etc. forma pela qual, a triangulação dos dados será feita. Para que a triangulação ocorra, o professor deverá apresentar seus objetivos claros e estabelecidos para que ele possa utilizar a sua coleta de dados para confirmar ou negar os resultados do objeto estudado. Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p.61),

a triangulação é um recurso de análise que permite comparar dados de diferentes tipos com o objetivo de confirmar ou desconfirmar uma asserção. Pode-se construir também uma triangulação combinando as perspectivas de diversos autores em uma ação.

2.4 Diário de pesquisa

Para Bortoni-Ricardo (2008), o diário é uma ferramenta de pesquisa em que o pesquisador o utiliza para melhorar a sua prática, levando-o à reflexão do que foi observado. A adoção desse método de pesquisa consiste em relatar em um diário observações feitas pelo professor pesquisador. O que será escrito e a forma do diário dependerão do perfil de cada professor, uma vez que são registros de tudo que o pesquisador considera importante. Geralmente esses textos são escritos em narrativa descritiva e contêm descrições de eventos, falas de outras pessoas, reproduzidas da forma mais fiel possível, descrição de atividades, sequências interpretativas que permitem que o professor analise e desenvolva uma teoria sobre o objeto interpretado.

O diário de pesquisa foi um método muito importante nesta coleta, pois auxiliou a professora em formação à medida em que foram retomadas as memórias das experiências vividas e praticadas durante a pesquisa, além de ter permitido fazer anotações e lembretes, a fim de melhorar o trabalho. Nos diários, também constaram interpretações e avaliações que auxiliaram o desenvolvimento e interpretação da pesquisa. Bortoni-Ricardo (2008) observa a

importância de se fazer releituras no diário de campo, o que foi feito muitas vezes nesta pesquisa, com o objetivo de analisar as experiências relatadas.

2.5 Entrevista

A presente entrevista foi feita de modo semi- estruturada. O questionário foi realizado com a professora regente e os alunos do 1º ano do ensino médio, com a finalidade de verificar o conhecimento de ambos sobre o uso e compreensão da oralidade no ambiente escolar.

A entrevista foi composta por quatro perguntas subjetivas para a professora e três perguntas com uso de áudio para os alunos, que se encontram no apêndice. Esses foram escolhidos de maneira aleatória, durante o intervalo de aula. Todas as perguntas eram relacionadas com tema do trabalho, o que permitiu a distinção entre teoria e prática.

A primeira pergunta dirigida à professora se refere à importância da oralidade, a segunda sobre a abordagem do tema em sala de aula, a terceira diz respeito à relação entre a oralidade e os exercícios realizados e a última diz respeito a relação do aluno com a abordagem da oralidade nas aulas de língua portuguesa.

As perguntas dirigidas aos alunos se referem ao que eles pensam sobre a oralidade, o que pensam sobre o uso dela no ambiente escolar, a importância da norma culta e o que pensam sobre ter um espaço para exercer a oralidade. O questionário foi de grande ajuda para confrontar a teoria exposta ao longo da pesquisa.

2.6 A instituição pesquisada

O local escolhido para a realização da pesquisa foi uma escola particular de ensino fundamental e médio, localizada no bairro sudoeste. A escola possui uma grande estrutura espacial e oferece, no turno contrário às aulas, atividades extracurriculares, em que são desenvolvidas atividades motoras, monitorias e dependências. O colégio possui aparelhos de data show em todas as salas de aula.

O projeto pedagógico foi elaborado em 2000. O projeto foi elaborado a partir de ideias socioculturais, visando à educação e à cultura. Tem como princípios e finalidades promover o desenvolvimento intelectual do aluno, seu senso de responsabilidade, integrando-o em atividades sociais.

A escola tem por objetivo proporcionar o conhecimento voltado não só para o vestibular da Universidade de Brasília, mas também para outros vestibulares. Além disso, prepara os alunos como seres humanos, baseado na filosofia de educá-los para que se tornem cidadãos capazes de interpretar a realidade e nela interferir, visando ao bem-estar comum e preservando o equilíbrio do meio ambiente.

2.7 O perfil dos colaboradores

Para a realização deste projeto, foi necessário o apoio recebido pela escola, em relação aos horários que se apresentavam de forma bem flexível à disponibilidade da professora em formação. A professora de português permitiu que fosse utilizado em suas aulas como ambiente de observação sobre a oralidade presente em sala de aula, e perceber como isso era cobrado. Além do suporte como provas, exercícios e a concessão de entrevistas realizadas com a professora e os alunos, registros com áudio também foram permitidos em suas aulas.

A escola, representada pelos diretores e coordenador, cedeu o material didático, especificamente a gramática, para análise da oralidade e desde o primeiro momento não demonstrou restrições para a execução do projeto. Apesar de a gramática não ser uma fonte adequada para a pesquisa da oralidade, o livro didático chamou atenção por apresentar diversos textos ao longo de todos os capítulos o que chamou atenção para um possível espaço para a prática da oralidade justificando a sua escolha.

2.8 Os professores

O quadro de professores de Língua Portuguesa é formado por três professores, divididos nas áreas de redação, gramática e literatura.

Os professores utilizam linguagem formal, porém, em alguns momentos da aula de português, a professora utiliza a linguagem coloquial, no intuito de promover uma

aproximação dos alunos. As relações se dão de forma leve e respeitosa entre professores e alunos, alunos e professores, e os alunos estão sempre envolvidos em atividades de grupos, o que facilita a interação entre todos da sala.

2.9 Os alunos

Os alunos que estudam neste colégio estão na faixa etária de aproximadamente 09/10 anos a 17/18 anos basicamente moram nos bairros Sudoeste, Octogonal e Cruzeiro Novo. As turmas possuem aproximadamente 20 alunos por sala, e há também alunos muito agitados e outros mais dispersos.

CAPÍTULO III

Análise dos dados pesquisados

A observação das aulas permitiu pensar sobre o processo de ensino e aprendizagem com base na aplicação da oralidade em sala de aula e na partilha de experiências a partir do convívio direto com os alunos e com a professora regente. A pesquisa realizada tem caráter social e visa comparar a prática docente com os conhecimentos teóricos abordados durante o projeto monográfico.

A coleta de dados foi realizada com os materiais utilizados pela professora, são eles: a gramática, as provas e os exercícios.

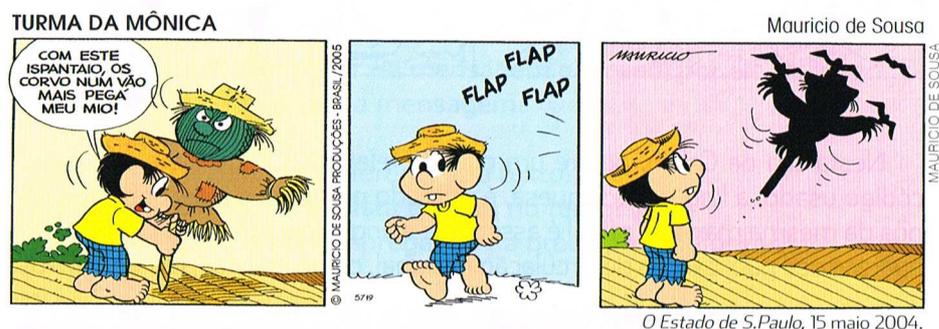
O ambiente escolar reforça a hierarquia existente entre a escrita e a fala, promovendo meios formais de aquisição da escrita, gerando o ideal de prestígio. Já a fala ficaria em segundo plano por não necessitar de meios formais para ser adquirida. Marcuschi (1997) pontua que ambas as vertentes possuem igual importância, pois estão presentes em diversos contextos sociais.

O contato direto com a oralidade permite que o aluno se sinta seguro em seu meio, e saiba fazer distinções entre as variantes utilizadas por ele, por seus colegas, por seus familiares e por falantes da variante culta. Dessa forma, ele irá saber que não existe o erro, e sim formas variadas que compõem a língua e identificará culturalmente quem a utiliza.

O período de observação das aulas durou dois meses, e por alguns momentos a professora regente mencionou a distinção entre fala e escrita ao mencionar que, ao se fazer uma prova ou qualquer tipo de trabalho escolar, o aluno deverá sempre utilizar a norma culta, mas em outras situações sociais ele pode falar seguindo outras variantes, porém as aulas giravam em torno de exercícios da gramática em que se valorizavam a escrita e o uso de normas gramaticais. A gramática normativa, baseada nas regras sistemáticas da língua portuguesa, era o material mais utilizado, apesar de os alunos possuírem um livro texto, contendo vários gêneros textuais.

A gramática utilizada de Sarmiento (2005) possui textos em abundância como charges, recortes retirados de jornais e revistas. Todos os exercícios da gramática que utilizam textos escritos, em específico as charges, proporcionam ao aluno o espaço para que ele exponha suas

ideias em questões que avaliam dos alunos a apresentação de respostas pessoais e de interpretação de texto. Em cada exercício, há pelo menos uma questão desse tipo.



- Explique os recursos utilizados pelo autor na produção do humor nessa tira. **(a)**
- Em relação à norma culta, como você caracterizaria o modo de Chico Bento expressar-se? **(b)**
- Quais são as palavras que Chico Bento usa que não seguem a norma-padrão? Localize-as. *Ispantaio, corvo, num, pegá, mio.*
- Passa a frase de Chico Bento para a norma culta. *"Com este espantalho, os corvos não vão mais pegar meu milho!"*

Como podemos observar, o exercício pede ao aluno que interprete a tirinha, porém, ainda não é o exercício adequado para promover a oralidade em sala de aula.

A maior parte da gramática apresenta exercícios descontextualizados, com perguntas fechadas, ou seja, ligadas unicamente na norma de cada capítulo, não proporcionando para o aluno a reflexão e o debate. Há presença de frases soltas e em todas as unidades há perguntas de vestibulares .

- 9** Identifique a sequência em que se classificou uma palavra, quanto ao processo de formação, de forma errada.
 - desvalorização, indesatável, reintegração, desobediência* (derivação prefixal e sufixal)
 - refluxo, irreal, reitoria, desumano, incômodo, semivogal* (derivação prefixal)
 - penugem, estomatite, mulherio, cigareira, cajueiro* (derivação sufixal)
 - apavorar, espreguiçar, apregoar, expropriar, enrijecer* (derivação parassintética)
 - resgate, toque, apelo, censura, debate, busca, alcance* (derivação regressiva)

(SARMENTO,p. 53)

Ao abordar a oralidade, o livro apresentou uma posição dicotômica primeiramente ao definir que “na verdade, usam a língua oral para isso, que, em geral, é mais simples e

comunicativa do que a língua escrita. Veem-se construções próprias da expressão oral, como uso de frases curtas, de comparações e de expressões populares” (Sarmiento, 2005, p 23). E, logo a seguir, a autora comenta que

“a valorização social de uma pessoa, nos dias de hoje, está bastante ligada ao seu desempenho escrito, mas também ao oral, em virtude de nossa ampla exposição aos meios de comunicação, como a televisão, o rádio e o cinema”.

Observa-se, no primeiro comentário, certo desprestígio em relação à oralidade, que é definida como simples e construída a partir de frases curtas. O segundo comentário do autor realça a importância da oralidade e o seu valor. Ao longo do livro, observaram-se também expressões como “forma correta”, partindo do princípio que seria errado escrever ou falar de outra maneira diferente da norma culta.

Ao usar o livro didático, a professora focou unicamente nas questões fechadas e de vestibulares, e as questões de respostas pessoais não eram exploradas, os alunos sequer tinham espaço para ler o que haviam respondido. As questões eram esquecidas com o seguinte argumento da professora: “vamos pular esta questão, é pessoal, cada um vai ter uma resposta diferente e vamos perder muito tempo”. A produção da escrita acontece em diversos momentos da aula, a professora, por muitas vezes, pede que os alunos transcrevam as respostas da gramática para o caderno e copiem muitas regras gramaticais do quadro, valorizando o conhecimento tradicional, distanciando-se da realidade do aluno.

Alguns exercícios apresentados na gramática normativa dão suporte para o aluno utilizar a oralidade, as perguntas são lançadas priorizando o conteúdo de cada capítulo, como no fragmento abaixo:

Leia a tira.

CALVIN



Bill Waterson



(a) Por meio do elemento surpresa. Provavelmente, o leitor supõe que o primeiro lugar em que o menino deveria ter procurado o casaco seria no armário.

WATERSON, Bill. *Calvin*. São Paulo: Cedibra, 1996.

a) Como o autor da tira explorou o humor nesse texto? (a)

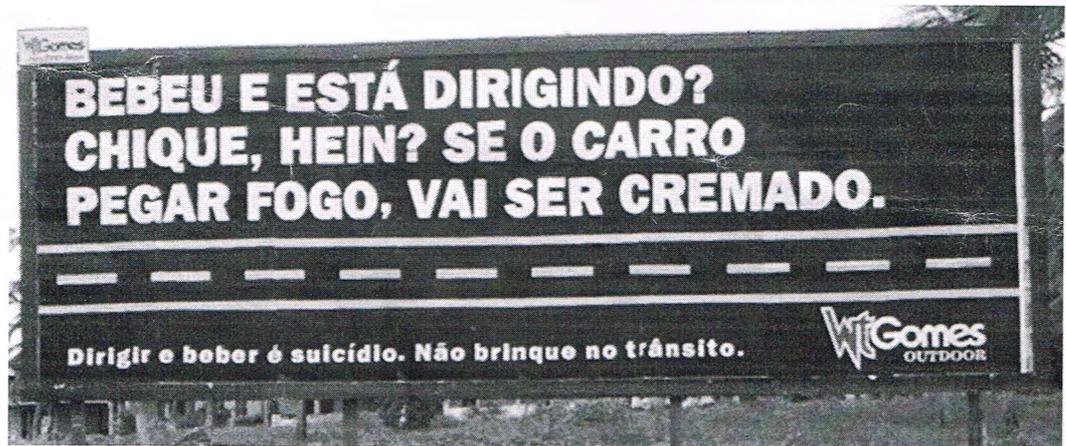
b) Na sua opinião, as pessoas precisam ser organizadas? Explique por quê.

Pessoal.

Em outro momento, foram analisados os exercícios da gramática que destacam as questões de vestibulares e servem como alicerce para as avaliações da escola. Há cinco questões abertas com enfoque em períodos compostos por coordenação e subordinação, conjunções e orações reduzidas, e nove questões objetivas extraídas de vestibulares. As questões apresentam trechos de textos e frases sem referências, o que não traz condições de abordagem da oralidade e não proporcionam a reflexão por parte do aluno. Apenas uma questão abordou a oralidade, o que gera pouco espaço para o aluno expressar-se, a qual será exposta a seguir:

QUESTÃO 01

Leia o anúncio publicitário e responda ao que se pede.



A placa faz parte de uma campanha. Faça as inferências relacionadas ao objetivo do anúncio.

a) A que perigo a campanha se refere?

.....

.....

b) Qual a intenção do anunciante ao publicar um anúncio como esse?

.....

.....

.....

Essa questão aborda a oralidade na medida em que valoriza a opinião do aluno, levando-o à reflexão, interagindo com o texto ao perguntar qual é a intenção do anunciante. Dessa forma, o exercício busca o senso crítico do estudante.

O tema do texto é atual e está sendo fortemente veiculado na mídia, assim sendo, o aluno tem contato direto com a informação, podendo assim interpretar essas questões.

A oralidade é um tema de grande importância para a vida do aluno, pois o seu objetivo é valorizar o modo como cada um utiliza suas variantes. O aluno que domina o discurso lida com práticas sociais presentes no cotidiano.

Uma boa maneira de desenvolver o tema seria promover discussões orais em sala para que os alunos articulem suas ideias e se sintam seguros quanto à sua pronúncia e ao domínio do discurso. Outro exemplo seria a proposta de reescrever um texto que se encontra na norma culta para a forma coloquial, o uso de jornais, revistas e outros tipos de textos proporcionam o contato do aluno com as diversas variantes existentes na língua. Mais uma maneira seria a música, a qual, além de inserir-se no contexto do aluno, permite a realização da manifestação oral.

O professor estará, então, trazendo para sala assuntos atuais e contextualizados, de uso relevante ao aluno. O uso da gramática não deve ser o único instrumento utilizado em sala, e sim deve ser um complemento utilizado pelo professor. As normas gramaticais não deverão ser dissociadas das aulas, a gramática deve ser um instrumento de debate e reflexão, juntamente com o uso de gêneros textuais diversificados.

Em relação ao questionário realizado com a professora, ela manteve uma postura favorável ao falar do tema e demonstrou conhecimento sobre o assunto. Ela ainda citou um exemplo de atividade a ser realizada em sala, porém no período observado os alunos estavam envolvidos unicamente com a resolução de exercícios.

Já os alunos, ao serem questionados sobre a importância da oralidade e ao se traçar um paralelo com a variante culta, demonstram não ter conhecimento em relação ao tema e não responderam exatamente o que foi perguntado. Observou-se que muitos acreditam que é errado falar de outra forma que não seja a culta, como mostra um trecho da entrevista, a seguir onde a professora em formação entrevistou um grupo de alunos durante o intervalo da escola:

Professor pesquisador: O que você acha do emprego da norma culta nas escolas como única forma de fala?

Aluno: Eu acho correto, pois é errado falar com gírias e também quando formos fazer uma entrevista de emprego a norma culta é quem vai ser pedida. É feio falar errado.

Ao responder sobre a importância da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa, a professora teve o seguinte posicionamento: “Trata-se de um tema de fundamental importância, pois parte do sucesso do meu trabalho depende disso. O aluno necessita fazer uso desse recurso tanto quanto dos outros, que são mais comuns no cotidiano de sala de aula.”

Podemos perceber, com o fragmento da entrevista, a postura contraditória da professora, pois o que ela considerou essencial para o êxito em suas aulas não foi colocado em prática, devido à constante preocupação em preparar os alunos para exames como o **PAS3** e o Vestibular. Tanto a professora quanto o colégio privilegiam provas que sejam voltadas para as avaliações externas.

A escola pesquisada possui uma rádio na qual os alunos escolhem as músicas que serão tocadas durante o intervalo. Esse espaço poderia ser mais bem utilizado se os estudantes pudessem fazer comentários sobre os acontecimentos da escola e da comunidade, porém as músicas são tocadas sem nenhum contexto.

É de grande importância que a escola mostre ao aluno a grande diversidade de usos da fala, dando-lhes consciência de que a língua não é uniforme, trabalhando os seus diferentes níveis. Um idioma não permanece igual em todo o seu domínio, evidencia números de diferenciações de maior e de menor amplitude dependendo de fatores como, por exemplo, a região que o falante vive.

Nenhuma forma de fala deve ser mais importante que a outra, a variante culta é apenas uma das várias formas de se falar. A escola não deve inibir a fala do aluno, e sim deve mostrar as adequações a serem feitas em determinados contextos.

Quando escola/professores geram o espaço para que o aluno se expresse, gera segurança na criança ou adolescente, podendo explorar a oralidade e a sua real importância, constatando que ela é tão importante quanto à escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o período de pesquisa, as reflexões sobre o uso da oralidade em sala tornaram-se mais claras e objetivas para o professor em formação. A reflexão sobre o assunto permitiu pensar sobre o ensino da língua materna e sobre o papel do futuro profissional.

A elaboração de avaliações e exercícios deve abarcar os conhecimentos do aluno e promover sua reflexão, pois a escola é um meio social de interação e deve lhe proporcionar liberdade, para que ele exponha a sua fala sem preconceitos e recriminações. Os exercícios didáticos não devem ser fragmentados e sim sempre partir de um texto que, além de ser informativo, irá sugerir ao aluno várias situações diferentes do contexto limitado de um fragmento.

Quanto ao professor de Língua Portuguesa, não cabe a ele criticar e constranger o aluno que usa uma variante não padrão. Ele deve fornecer meios possíveis para que ele se aproxime da norma culta, ciente de que a sua variante não é errada. A escolha das atividades a serem trabalhadas em sala deve contar com a participação do aluno, garantido a aproximação à realidade do estudante.

É de grande importância que o professor utilize materiais diversificados como dinâmicas e atividades pedagógicas, mas sem se esquecer da gramática como material didático, ela não deve ser esquecida e nem ser a única escolha a ser utilizada pelo professor sendo mais um entre uma gama de matérias a serem explorados.

Compreende-se que as questões acima, que envolvem a prática da oralidade em sala de aula, combinam-se com a finalidade de estabelecer vínculos entre o conhecimento transmitido na escola com o conhecimento cultural do aluno, valorizando assim sua prática social.

Diante do exposto, o método de aula utilizada pela professora não atingiu as expectativas necessárias para o bom ensino, apesar de ela conhecer o assunto. Não houve a preocupação em oferecer o espaço para que o aluno exercesse a oralidade, pois o ensino da gramática se dá unicamente pelo método tradicional, não contribuindo com o crescimento intelectual do aluno. Faltou a professora inserir nas suas aulas de língua portuguesa explorar as variantes existentes na turma do 9º ano e os conhecimentos prévios que cada um possuía em relação as atividades de sala, além disso, faltou a

professora elaborar questões que levassem o aluno a reflexão. É dever do professor incentivar a busca pelo conhecimento de cada aluno motivando o seu interesse e participação nas aulas, tornando um ser ativo socialmente.

REFERÊNCIAS

BERRUTO, Gaetano apud CASTILHO, Ataliba T de. . Língua Falada no Ensino de Português. São Paulo:Contexto, 1998.

BORGES, José Leopoldino das Graças; Carnielli, Beatrice Laura. Educação e Estratificação social no Acesso à Universidade pública. Disponível em:

< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000100007
>

Acesso em: 11.06.2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____.O professor Pesquisador: Introdução à Pesquisa Qualitativa. São Paulo:Parábola Editorial, 2008.

CASTILHO, ATALIBA T de. Língua Falada no Ensino de Português. São Paulo:Contexto, 1998.

KLEIMAN, Ângela B. Os Significados do Letramento: Uma Nova Perspectiva sobre a Prática Social da Escrita.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e Compreender os Sentidos do Texto. São Paulo: Contexto, 2012.

LÓPES, Leonor Fávero; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O; AQUINO, Zilda G.O. Oralidade e escrita. Perspectivas para o ensino de língua materna.São Paulo:Cortez,1999

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e Escrita.Signótica: Revista do Mestrado em Letras e Linguística, Goiânia, UFGO v.9.p.119-145,jan/dez.1997.

SARMENTO, Leila Lauer. Gramática em textos.São Paulo: Moderna, 2005.

APÊNDICE A

Entrevista estruturada realizada com a docente.

Questões

- 1) Qual a importância que você vê para a questão da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa?

Trata-se de um tema de fundamental importância, pois parte do sucesso de meu trabalho depende disso. O aluno necessita fazer uso desse recurso tanto quanto dos outros, que são mais comuns no cotidiano de sala de aula. A interação faz com que haja um crescimento pessoal, e a comunicação permite que o aluno desenvolva um hábito pouco trabalhado no mundo atual dos jovens e adolescentes.

- 2) Você aborda a oralidade em sala de aula? De que maneira?

Costumo abordar provocando e estimulando a participação de todos nas produções de trabalho em seminários. A própria questão da língua como objetos de estudo faz com que eu possa solicitar pesquisas, condicionadas a posterior apresentação. A aula fica muito mais rica e permite que todos troquem informações acerca dos materiais produzidos.

- 3) Você aborda a questão da oralidade nos exercícios?

Solicito algumas atividades, a tecnologia tem ajudado nessas questões. O aluno interage com os vídeos que levo para sala sobre tópicos gramaticais.

- 4) O que o aluno acha ou o que ele responde em relação a abordagem em sala de aula?

Não deixando clara a nossa real intenção, o aluno responde muito bem aos mecanismos. Porém, se for divulgado que será levado em conta a participação e evolução expositiva, geralmente, a aceitação é mínima.

APÊNDICE A

Entrevista realizada com os discentes.

- 1) O que você acha do emprego da norma culta nas escolas como única forma de fala?

Eu acho correto, pois é errado falar com gírias e também quando formos fazer uma entrevista de emprego a norma culta é quem vai ser pedida. É feio falar errado.

- 2) O que você entende por Oralidade?

Bom, isso já não sei.

- 3) E o que você acha sobre o uso da forma coloquial na escola?

Ah, às vezes pode ser bom, pois podemos falar com gíria e tudo mais, mas se for pra usar em uma entrevista de emprego ou em alguma prova é errado.

ANEXO A